

# RIZOMA EM DELEUZE E GUATTARI

Wesley Magalhães Viana<sup>1</sup>

## resumo

O objetivo deste artigo é apresentar o conceito de rizoma, presente no platô inicial *Introdução: rizoma* do livro *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2* (1980), de Gilles Deleuze e Félix Guattari. Para isso, apresentamos uma breve introdução ao rizoma, a partir da sua relação com a botânica; em seguida, traçamos discussões sobre a multiplicidade do rizoma, a partir de três perspectivas: a raiz pivotante, a raiz fasciculada e o rizoma; e, logo após, apresentamos os seis princípios do rizoma: conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania. Por fim, apontamos a *prudência* como critério de avaliação do crescimento do rizoma e de suas conexões.

**PALAVRAS-CHAVE:** Rizoma. Princípios. Multiplicidade. Raiz.

## abstract

The aim of this article is to present the concept of rhizome, present in the initial plateau *Introduction: rhizome* from the book *Thousand plateaus: capitalism and schizophrenia 2* (1980), by Gilles Deleuze and Félix Guattari. For this, we present a brief introduction to the rhizome,

---

<sup>1</sup> Mestrando em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), Especialista em Ensino de Língua Portuguesa pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e Graduado em Letras-Português pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Atualmente, pesquisa movimentos para um ensino rizomático de língua portuguesa, a partir da filosofia de Gilles Deleuze. E-mail: [wmvhlv@gmail.com](mailto:wmvhlv@gmail.com)

based on its relationship with botany; then, we outline discussions about the multiplicity of the rhizome, from three perspectives: the pivoting root, the fasciculated root and the rhizome; and, right after, we present the six principles of the rhizome: connection, heterogeneity, multiplicity, assigning rupture, cartography and decalcomania. Finally, we point out *prudence* as a criterion for evaluating the growth of the rhizome and its connections.

**KEYWORDS:** Rhizome. Principles. Multiplicity. Root.

---

## introdução

Na Botânica, o rizoma é um caule que cresce debaixo do solo sem direção definida. Embora seu crescimento seja subterrâneo, um rizoma não é uma raiz, pois ele possui gemas laterais, traço morfológico externo do caule. Além disso, um rizoma não possui cópia na natureza e cada um cresce de maneira diferente, assumindo assim formas e direções singulares. Desse modo, rizomas sempre produzem a diferença, pois à medida que crescem também escapam, confundem, fazem tantas novas conexões que seu começo e fim se perdem em inúmeras linhas de intensidade. Alguns exemplos de rizoma, na Botânica, são: a grama, o bambu, a cana de açúcar, a bananeira etc.

## aliança

Na Filosofia, o rizoma<sup>2</sup> é um corpo anamórfico que produz alianças. Podemos dizer que um rizoma é uma aliança entre coisas heterogêneas, mas não uma aliança por subordinação. Dependendo daquilo a que se conecta, um rizoma se decompõe, se acopla com outras coisas e, assim, cria algo diferente. Desse modo, um rizoma cria, devém, foge e está sempre num movimento *entre*<sup>3</sup>. Podemos dizer, então, que um rizoma é um movimento transversal<sup>4</sup> que, desviando de uma tradição hegemônica e assumindo uma postura não-dogmática, viabiliza multiplicidades, negando assim uma verdade única, proveniente de valores morais e transcendentais.

## livros

Em *Introdução: rizoma*, Deleuze e Guattari apresentam o rizoma a partir de contrapontos entre o pensamento rizomático e o pensamento arborescente, suscitando problemáticas a respeito

---

2 DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "Introdução: rizoma." Tradução de Aurélio Guerra Neto. In: \_\_\_\_\_. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia* 2. vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2019.

3 *Idem, ibidem*, p. 48.

4 *Idem, ibidem*, p. 49.

dos livros, que podem ser utilizados como linguagem para construir um *modus operandi*, do mesmo modo que podem desfazer uma forma de vida dominante. Para construir seu raciocínio, Deleuze e Guattari apresentam três tipos de livros, aproximando-os a conceitos da Botânica. São eles: 1) a raiz pivotante; 2) a raiz fasciculada; 3) o rizoma.

## raiz pivotante

A *raiz pivotante*, também chamada *axial* (eixo), possui uma raiz principal por onde partem raízes secundárias, laterais. Nela, é possível detectar com clareza a raiz principal. Esse eixo firma a planta ao solo para, então, as outras raízes absorverem água e sais minerais. O livro raiz pivotante é o livro clássico, e a sua existência se firma no pensamento binário e dicotômico. Porém, como a lei do livro poderia estar na natureza se a natureza não é dicotômica?

Isto quer dizer que este pensamento nunca compreendeu a multiplicidade: ele necessita de uma forte unidade principal, unidade que é suposta para chegar a duas, segundo um método espiritual. E do lado do objeto, segundo o método natural, pode-se sem dúvida passar diretamente do Uno a três, quatro ou cinco, mas sempre com a condição de dispor de uma forte unidade principal, a do pivô, que suporta as raízes secundárias<sup>5</sup>.

## raiz fasciculada

A *raiz fasciculada*, por sua vez, opera por uma radícula, isto é, por uma raiz embrionária abortada da raiz principal. Suas raízes secundárias incitam um grande desenvolvimento, mas ainda estão presas a uma unidade, do qual deriva uma multiplicidade. "A maior parte dos métodos modernos para fazer proliferar séries ou para fazer crescer uma multiplicidade valem perfeitamente numa direção [...], enquanto que uma unidade de totalização se afirma tanto mais numa outra dimensão, a de um círculo ou de um ciclo."<sup>6</sup> A partir dessa subjetividade, o livro-radícula busca interpretar o mundo por meio de um pensamento supostamente neutro que busca a totalidade do conhecimento, isto é, a ideia de verdade. Essa ciência se reivindica universal, mas se por acaso, um dia, atingir seu uno, terá ela evoluído ou retornado ao ponto inicial?

## rizoma

O *rizoma* é diferente das raízes. Porém, embora Deleuze e Guattari critiquem a árvore, eles afirmam que existe uma relação entre árvore e rizoma na natureza. Não há um dualismo quando fazemos essa oposição, pois "há o melhor e o pior no rizoma"<sup>7</sup>. Isso quer dizer que, no processo

---

5 *Idem, ibidem*, p. 20.

6 *Idem, ibidem*, p. 21.

7 *Idem, ibidem*, p. 22.

labiríntico do rizoma, há a possibilidade de encontrarmos linhas cancerosas ou de seguirmos por linhas de morte, por isso é necessário *prudência*<sup>8</sup> nas conexões. Deleuze e Guattari enumeram características aproximativas do rizoma na Filosofia, a partir de seis princípios. São eles: 1) Conexão; 2) Heterogeneidade; 3) Multiplicidade; 4) Ruptura assignificante; 5) Cartografia; 6) Decalcomania.

## conexão e heterogeneidade

Os dois primeiros princípios fazem menção à **conexão** e à **heterogeneidade** e são apresentados em conjunto. Deleuze e Guattari afirmam que “Qualquer ponto do rizoma pode ser conectado a qualquer outro e deve sê-lo”<sup>9</sup>. Diferente das árvores, cujas conexões são sempre hierárquicas — da raiz aos ramos, nunca o contrário —, o rizoma pode conectar qualquer ponto a qualquer outro. Ele não possui um pivô, isto é, um princípio ordenador que comanda todo o pensamento, mas linhas diversas que se conectam de forma múltipla. Essa facilidade de conexões coloca em jogo as categorias lineares do pensamento, pois num rizoma “cadeias semióticas de toda natureza são aí conectadas a modos de codificação muito diversos, cadeias biológicas, políticas, econômicas, etc.”<sup>10</sup>

## multiplicidade

O terceiro princípio do rizoma refere-se à **multiplicidade** e, como dizem Deleuze e Guattari, é a escrita a  $n-1$ <sup>11</sup>. Muitas áreas das ciências baseiam suas pesquisas na identidade. É um estudo que habita o mesmo campo semântico da unidade e da essência. Nessa lógica, as diferenças são julgadas a partir da unidade. Há, portanto, uma subordinação moral da diferença, pois o outro é estudado pelas semelhanças com o uno. Escrever a  $n-1$  é descentralizar essa unidade e compreender a diferença por ela mesma, como parte integrante de uma multiplicidade. “Somente quando o múltiplo é efetivamente tratado como substantivo, multiplicidade, que ele não tem mais nenhuma relação com o uno como sujeito ou como objeto, como realidade natural ou espiritual, como imagem e mundo.”<sup>12</sup>

---

8 No platô 6 Como criar para si um *Corpo sem Órgãos?* do livro *Mil platôs* (1980), vol. 3, Deleuze e Guattari sinalizam a prudência como critério para a experimentação. Quando experimentamos novas conexões, é preciso administrar doses de prudência. Desse modo, é possível evitar linhas cancerosas e linhas de morte.

9 *Idem, ibidem*, p. 22.

10 *Idem, ibidem*, p. 22.

11 *Idem, ibidem*, p. 21.

12 *Idem, ibidem*, p. 23.

## ruptura assignificante

O quarto princípio diz respeito à **ruptura assignificante**. Mesmo sendo conectável, nem sempre as conexões rizomáticas serão potentes, por isso também é importante saber quando romper. “Um rizoma pode ser rompido, quebrado em um lugar qualquer, e também retoma segundo uma ou outra de suas linhas e segundo outras linhas.”<sup>13</sup> Isso acontece porque um rizoma é composto por linhas de segmentaridade. Algumas delas são mais duras — linhas molares —, outras são mais maleáveis — linhas moleculares. As linhas duras do rizoma o organizam e o estratificam num território, mas suas linhas de fuga o desterritorializam, resistindo a essa tentativa totalizadora que tenta aprisioná-lo numa forma. Por essa razão não há dicotomias no rizoma, suas linhas movem-se e rompem-se à medida que ele cresce e se encontra com outros corpos.

## cartografia e decalcomania

O quinto e o sexto princípio do rizoma também são apresentados em conjunto, respectivamente, a **cartografia** e a **decalcomania**. Para Deleuze e Guattari, “um rizoma não pode ser justificado por nenhum modelo estrutural ou gerativo”<sup>14</sup> porque a lógica da árvore é a lógica do decalque: ela só reproduz a si mesma, como um modelo que opera por reprodução *ad infinitum*. Em contrapartida, na cartografia, “o mapa é aberto, é conectável em todas as suas dimensões, desmontável, reversível, suscetível de receber modificações constantemente.”<sup>15</sup> Além disso, para os filósofos, mapas podem ser rasgados, invertidos, reformulados a qualquer momento, dependendo da necessidade do cartógrafo. Como o rizoma produz mapas e não decalques, podemos entendê-lo como uma construção sempre em processo. Por isso, um rizoma não pode ser modelado a partir de estruturas ou de princípios universais.

## diferença e repetição

Para compreender a filosofia de Deleuze, é necessário assinalar que a Filosofia, ao longo de sua história, privilegiou uma imagem dogmática para o pensamento. Assim, tradicionalmente, constitui-se objeto da Filosofia aquilo que, fixado em uma representação, é passível de reconhecimento. A obra de Deleuze, por outro lado, desvia desse pensamento dogmático e de seus postulados, atribuindo à Filosofia novas questões, como a possibilidade de criar novos modos de pensar. Nesse sentido, o rizoma é apenas um ponto de partida para Deleuze e Guattari problematizarem a tradição filosófica.

---

13 *Idem, ibidem*, p. 25.

14 *Idem, ibidem*, p. 29.

15 *Idem, ibidem*, p. 30.

## inconclusão

Não queremos demonizar a representação ou a reconhecimento, pelo contrário: sabemos que é preciso haver correspondência entre significante e significado para a manutenção da vida prática. No entanto, relutamos contra as linhas que desejam a universalização dessa vida, a partir de valores morais e transcendentais, isto é, a partir de obediência a regras que julgam ações e intenções enquanto *certas* ou *erradas*. Para fazer rizoma, é preciso desejar a vida pela diferença, isto é, a partir de regras éticas e imanentes que analisam ações, intenções e implicações daquilo que fazemos, dizemos, pensamos. Se o crescimento de um rizoma acontece pela prudência, como criar para si uma existência prudente?

## referências

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. "Introdução: rizoma". Traduzido por Aurélio Guerra Neto. *In: \_\_\_\_\_*. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia 2. vol. 1. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora 34, 2019, pp. 17-49.